



1

O MESMO EVANGELHO — OU OUTRO?

Quando ia a Araras para visitar meus sogros, sempre levava meu filho ao parque, em frente à casa deles. Lá encontrei Eliane, que também levava a filha para tomar sol no parque, e conversávamos – Eliane, carioca casada com francês, agnóstica, sedenta de cultura, dizia desprezar os “crentes”; e Beth, americana casada com futuro pastor brasileiro, crente em Jesus e igualmente sedenta de conhecer mais sobre o mundo. Discutíamos amigavelmente, mas era patente que ela rejeitava o evangelho em que eu cria. Alguns anos mais tarde, ela escreveu-me, contando que havia se convertido, levada a Cristo em um encontro com sua cunhada, professora de sociologia na Sorbonne, quando lhe contou que no Brasil havia uma amiga que tinha a petulância de acreditar que podia ter certeza da salvação, e que o cristianismo fosse verdadeiro. A isso, a cunhada replicou: “Eu também, pois me converti a Cristo”. Eliane saíra de um catolicismo não praticante, que admirava apenas os religiosos da teologia da libertação, para uma igreja pentecostal de terceira onda. Nas próximas vezes em que nos encontramos, as conversas giraram em torno do Senhor Jesus Cristo, do marido e dos filhos. Ambas nos alegrávamos no Senhor. Eu lhe falava da diferença que ele faz em minha vida, no modo de me relacionar com o marido e educar os filhos.





Ela relatava os milagres que via ocorrer em sua igreja, os dons que adquiriu e o poder do pensamento que exercia sobre as pessoas. Depois de uns três encontros, comecei a pensar que o evangelho a que ela se convertera não seria exatamente o mesmo que eu professava. Não duvido da salvação de sua alma nem da diferença que Cristo fez em sua vida, mas depois dos primeiros passos de salvação, o evangelho a que ela ouvia parecia totalmente outro. Hoje, alegro-me porque ela parece estar mais centrada no evangelho puro, e porque toda sua família é também cristã.

De outra feita, encontrei em São Paulo uma amiga de mocidade, filha de famoso pastor *assembleiano* sueco, que me contratou para dar-lhe aulas de inglês – estudávamos a Bíblia e conversávamos na língua que ela desejava dominar. Eu me sentia como Joquebede, paga pela princesa egípcia para cuidar do próprio filho, Moisés, pois as aulas eram tempo de comunhão e refrigério cristão em que ministrávamos uma à vida da outra. Era o mesmo evangelho da graça de Deus que ela, da Assembleia de Deus, e eu, presbiteriana, estudávamos e compartilhávamos. Ainda nos correspondemos, mais de 30 anos depois.

Fui convidada a falar a mulheres em uma Igreja Presbiteriana do interior onde toda a ênfase do culto era personalista, sedenta de poder e força. Deixei livros com um líder que prometeu enviar o pagamento na semana seguinte – e nunca vi a cor do dinheiro que me custaram. Era um evangelho que cantava cânticos como os que eu sabia, contava histórias bíblicas que faziam parte do livro que eu lia diariamente, mas falava outra língua, pregava outra história, desprovida de ética cristã. Outro evangelho!

Paulo expressou espanto por seus filhos na fé terem passado tão depressa a “outro evangelho”. Hoje, nós, mulheres cristãs, deparamos com irmãs sinceras que se encontram em semelhante situação. Uma preceptora de minha infância hoje é pastora de “outra” igreja. Um colega de seminário deixou de





ser evangélico para ser guru de uma seita: *nova era*. Uma antiga colega participa de uma igreja que quer comandar a Deus a cura, custe o que custar, e desconhece a frase: “seja feita a tua vontade”.

Como é que as pessoas “transtornam o evangelho de Cristo”? Geralmente, as heresias não começam com mentiras gritantes, mas com ênfases exageradas em *alguns aspectos da verdade*, em detrimento de outros. Paulo disse: “ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8). Algumas heresias começaram quando servos de Deus, que haviam sido fiéis durante bom tempo, buscavam “novos conhecimentos para iniciados” ou “mais poder do que Fulano ou Sicrano”.

A Bíblia fala sobre a atuação de Satanás e seus anjos. Não podemos tachar de “problemas psicológicos” a todas as manifestações de ocultismo. No ministério junto de meu marido, temos enfrentado casos de possessão demoníaca. No entanto, não enfatizamos nem buscamos tais encontros. Não posso me esquecer de uma irmã, que inicialmente tinha um bom entendimento bíblico do problema de demonismo e, depois, passou a ver demônio em tudo, até em crentes, os quais são habitação do Espírito Santo. O exorcismo passou a ser seu ídolo – outro evangelho!

Ultrapassar a graça de Deus é ir para “outro” evangelho. O legalismo, que será tratado em outro capítulo, é uma tentativa de ir além do evangelho para “outro”. Passa a ensinar a salvação pelas obras, e desconhece a preciosidade de que fomos salvos *para* as boas obras (Ef 2.9-10), mas que nada que façamos ou deixemos de fazer nos tornará merecedores da salvação. Certa vez, em um treinamento para conselheiros para novos convertidos, um pastor disse: “*É melhor não falar de segurança da salvação, porque daí a pessoa relaxa e passa a viver de qualquer jeito...*” Ora, o fato de que somos salvos e seguros – Jesus disse: “Eu lhes dou a vida eterna, jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28), teria de ser ignorado a fim de manter o comportamento dos crentes



dentro das regras e costumes daquela igreja! Por outro lado, a atitude *antinomiana*, de que “já que estou seguro, posso fazer o que quiser porque não vou perder a salvação”, é também “outro evangelho” prevalecente em um Brasil onde pastores adulteram e casam com outra, e continuam sendo “autoridade espiritual”, e onde membros pulam de uma para outra igreja em busca de mais espaço para “ser quem eu sou, do jeito que sou, sem dever nada a ninguém”.

Como é que mulheres cristãs de hoje inquietam-se e são transtornadas por outro evangelho? A começar por literatura “cristã” que é qualquer outra coisa, menos cristã. Uma amiga querida e crente consagrada tinha na cabeceira da cama um livro de Benny Hinn. Esse “pregador do Espírito Santo” disse certa vez: “O diabo pode matar com palavras, e assim também você pode usar palavras para trazer vida... nós cristãos não sabemos o poder que temos na boca...” citando, em seguida, uma feiticeira que matava passarinhos com palavras, *de quem aprendeu a curar com palavras*.³ “A feitiçaria é a capacidade percebida de controlar e mudar o mundo a seu redor para se conformar com sua vontade pelo uso do pensamento positivo e dos encantamentos apropriados”, explica Veinot. Não é exatamente isso que muitos de nossos irmãos estão fazendo quando transmitem ideias de “declarar” a Deus exatamente o que querem e como, ou declarar às forças malignas que se calem (ou pior ainda, quer digam seu nome)?! O “evangelho de cair, de zurrar, de formar dentes de ouro em vez de dar novos dentes em sinal de curas e milagres” não se encontra no Novo Testamento. Creio em um Deus que intervém, que é o mesmo ontem, hoje e eternamente, que mesmo hoje em dia realiza maravilhas *segundo a sua vontade e para a sua glória*. Mas muito do que está sendo apresentado como obra do Espírito Santo é engano que provém do pai da mentira, pois não tem

³ Citado no artigo “Bewitched!” de Don Veinot, em *The Journal of Ministry*, vol. I, Issue I, Spring 2004, pág.149.



base bíblica nem glorifica a Deus, trazendo “glória” apenas às personagens que “fizeram ou receberam o milagre”.

“Outro evangelho” pode ocorrer quando a pessoa ou igreja se firma tanto no tradicionalismo morto que fica cega quanto ao poder renovador e transformador da graça de Deus. Está de tal modo firmada na doutrina de “paulos” ou “apolos” ou “cefas” que é mais conhecida pelas divisões do que pela multiplicação dos crentes (1Co 1.10-17).

Ao ler um livro ou ouvir da boca de um pregador um conceito possivelmente “outro”, deveríamos proceder como os crentes de Bereia, que “receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (At 17.11).

Quando deparamos com o Evangelho – o *mesmo* do Novo Testamento, ou “outro” – é importante que recebamos a palavra pregada conferindo com a Escritura, se é ou não verdadeira. Foi isso que Priscila – colega de profissão de Paulo, junto com seu marido – fez quando ouviu a pregação de Apolo. Naturais de Roma, haviam sido expulsos de lá, e moravam em Corinto, onde Paulo os encontrou e passou a trabalhar e morar com eles (At 18.2-26). Certamente Priscila era uma dessas mulheres de ouvidos atentos – agulha, linha e barbante, couro e tecidos pesados para a confecção de tendas era um trabalho que permitia ouvir atenciosamente enquanto os dedos mexiam. Indo Paulo para a Síria, o casal de fazedores de tendas – agora discípulos – o acompanhou até Éfeso, onde o casal permaneceu. Para Éfeso foi também o alexandrino Apolo que, “ferroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João”. Lucas diz que, quando Áquila e Priscila o ouviram, levaram-no para sua casa “e com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus” (At 18.26). Priscila não só estava disposta a aprender como também possuía a sensibilidade de perceber quando alguém de valor poderia ser esclarecido e treinado para tornar-se mais útil no reino. Quando Paulo escreveu aos coríntios (entre 52 e 56 d.C.), mandou junto saudações afetuosas de Áquila

